

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM DIDÁTICA E  
METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR**

**KATIANA POSSAMAI COSTA**

**A VISÃO DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO EXTREMO  
SUL CATARINENSE SOBRE A LINGUAGEM UTILIZADA NOS MEIOS  
ELETRÔNICOS**

**CRICIÚMA, AGOSTO DE 2007**

**KATIANA POSSAMAI COSTA**

**A VISÃO DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO EXTREMO  
SUL CATARINENSE SOBRE A LINGUAGEM UTILIZADA NOS MEIOS  
ELETRÔNICOS**

Monografia apresentada ao Setor de Pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, para a obtenção do título de especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Msc. Rosemary de Fátima de Assis Domingos Sehnem.

**CRICIÚMA, AGOSTO DE 2007**

**Dedico este trabalho em especial aos meus pais, Arino e Marlene, que são responsáveis por toda a minha caminhada e, acima de tudo, são a razão da minha existência.**

**A minha irmã, Silvana, que não mede esforços para me ajudar.**

**Aos meus queridos amigos, Marcelo e Gláucia, pelo companheirismo incessante.**

**A Prof<sup>a</sup> Rosemary pela orientação constante para que eu pudesse concluir mais uma etapa da minha vida acadêmica.**

**A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho.**

## **AGRADECIMENTOS**

Como forma de retribuir e agradecer a todos que colaboraram no desenvolvimento do meu trabalho deixo o poema a seguir:

### **Eu queria trazer-te uns versos muito lindos**

Eu queria trazer-te uns versos muito lindos  
colhidos no mais íntimo de mim...

Suas palavras

seriam as mais simples do mundo,

porém não sei que luz as iluminaria

que terias de fechar teus olhos para as ouvir...

Sim! Uma luz que viria de dentro delas,

como essa que acende inesperadas cores

nas lanternas chinesas de papel!

Trago-te palavras, apenas... e que estão escritas

do lado de fora do papel... Não sei, eu nunca soube o que dizer-te

e este poema vai morrendo, ardente e puro, ao vento

da Poesia...

como uma pobre lanterna que incendiou!

Mario Quintana

**“Quem escreve olha a sua obra como seu filho, e todo o mundo sabe que o pai acha sempre graças e bondades na querida prole”.**

**Joaquim Manoel de Macedo em *A Moreninha***

## RESUMO

O presente trabalho consiste na clarificação da nova linguagem utilizada nos meios eletrônicos, principalmente, no que tange a internet. Busca-se conhecer o que é esta linguagem e se a mesma influencia seus usuários. E, para conseguir identificar esses pontos o estudo foi desenvolvido a partir de documentos educacionais, com foco maior no PPP do curso de Letras da Unesc, como também, através de pesquisa realizada com os acadêmicos e com os professores. E, conforme abordado no trabalho percebe-se o grande número de usuários da linguagem conhecida como “internetês”, sendo que através de dados estatísticos, tanto acadêmicos como docentes vêem a escrita virtual como sendo um meio rápido e econômico para a comunicação, contudo, atentam para a possível influência que a mesma pode acarretar na comunicação formal, como também, outros posicionamentos que perpassam pelos envolvidos no curso de graduação em destaque.

**Palavras-chave:** linguagem; internetês; acadêmicos; docentes.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>10</b>
2.1 Fundamentos lingüísticos / Variação Lingüística .....	10
2.1.1 O ato de comunicar-se .....	12
2.2 O Curso de Letras da Unesc.....	15
2.2.1 Regulamento para cursos de graduação .....	15
2.2.2 PPP do curso de Letras da Unesc .....	16
2.2.3 Estrutura do PPP do curso de Letras da Unesc .....	17
2.3 Língua Portuguesa .....	20
2.3.1 No Brasil .....	20
2.3.2 Na educação .....	23
2.4 Fenômeno Internetês .....	25
2.4.1 Vc naum entendeu??.....	25
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>30</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>31</b>
4.1 A visão dos acadêmicos do curso de Letras da Unesc .....	31
4.2 A visão dos professores do curso de Letras da Unesc.....	39
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No século vigente, em face da denominada “cultura eletrônica”, que modifica a vida de milhões de pessoas no mundo inteiro, a linguagem escrita vem sofrendo modificações. Essa questão é tema de (grandes) debates entre estudiosos da Língua Portuguesa e Lingüística: será que o uso dessa nova linguagem prejudica ou não a escrita formal? Ou ainda, será que não é uma maneira para que aos poucos a escrita formal sofra modificações? Pois essa mesma linguagem é cada vez mais aceita no mundo virtual e entre os adolescentes.

Nesse sentido, busca-se pesquisar a linguagem conhecida como “internetês”, que surgiu com os comunicadores instantâneos como chats on-line, blogs, MSN, mensagens de celular e outros, caracterizada pela agilidade e facilidade da escrita, baseada na abreviação e símbolos.

Porém, as justificativas de estudiosos da língua divergem, enquanto alguns defendem como sendo um espaço informal e extremamente fechado, outros não concordam declarando que prejudica, e muito, principalmente os alunos que se preparam para o vestibular, conforme matéria publicada no Jornal da Manhã (24/08/2005).

Neste contexto está situado o problema desta pesquisa, tendo como itens norteadores as seguintes questões:

- a) Qual a opinião dos professores, que lecionam Lingüística e Língua Portuguesa, em relação ao “internetês”?
- b) De que forma os mesmos trabalham essa linguagem com os acadêmicos do curso de Letras da Unesc?

c) Há ou formula-se algum regimento no curso sobre a linguagem em questão?

d) Como os acadêmicos, de diferentes fases, vêem essa linguagem?

A partir dessas questões, em linhas gerais, busca-se saber qual o enfoque que o Curso de Letras, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, adota para a questão da linguagem fortemente usada nos meios eletrônicos.

E, para responder as questões acima levantadas, tomamos por hipótese que com o uso cada vez mais abrangente dessa forma de escrever os professores do curso de Letras aceitam essa linguagem como uma variação lingüística, também defendida por Marcos Bagno no livro *Preconceito Lingüístico* (2000, p. 117), no qual o mesmo coloca que a língua é viva, dinâmica e está em constante movimento.

No entanto, supõe-se que os acadêmicos sustentaram a mesma idéia dos professores, aceitando essa linguagem como uma variação lingüística. Tanto por serem influenciados pelos docentes, como pela própria convivência no mundo virtual. E, calcados em dados obtidos através de pesquisa tenta-se encontrar as respostas para as indagações acima listadas.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*“Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível,  
é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador.  
Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada”.*  
Clarice Lispector

### 2.1 Fundamentos lingüísticos / variação lingüística

O homem tem uma característica muito marcante que é tentar desenvolver meios para facilitar sua vida, seja no trabalho, em casa ou em qualquer dificuldade encontrada no seu cotidiano. Não foi diferente com a linguagem escrita, pois, para suprir as deficiências encontradas no seu trabalho e ter registros do que produzia, o mesmo inventou formas de anotar o que produzia com a agricultura e com a criação de gado, sendo que, para ter tal registro, desenhava o objeto e para cada unidade colocava um traço abaixo, ou ainda, para marcar momentos da fala desenhava, ordenadamente, as figuras que simbolizavam o que havia pronunciado.

Mas devido à marca saliente no homem de criar e continuar aperfeiçoando seus inventos, esses registros tornaram-se o que hoje conhecemos como a escrita alfabética, que é a reprodução fonológica, ou seja, a fala de maneira desenhada. E é nesse ponto que a língua falada passa a ser escrita que intensifica ainda mais a questão de a língua, verbal ou não, estar em constante mutação. Outro importante motivo é que a linguagem está inserida numa sociedade que perpassa constantes mudanças e que atinge vários segmentos, desde política, educação, cultura. Assim, não seria deferente com a linguagem, que também sofre alterações.

Dessa forma, estando à linguagem (escrita e falada) inserida na sociedade, destaca-se a sociolingüística que, conforme Petter (2002, pág. 19), é a área da Lingüística “que se detém no exame da interação entre língua e sociedade”,

diferenciando-se dos outros ramos da Lingüística como a etnolingüística, que estuda língua e cultura, e a psicolingüística, que focaliza o indivíduo e linguagem.

Porém, o teor deste trabalho é estudar a transformação da linguagem num dos meios em que a sociedade mais interage e busca atualização, o meio eletrônico. Assim, o ramo da lingüística adotado é a sociolingüística cujo significado está acima mencionado e que tem como figura ímpar no seu desenvolvimento William Labov.

Essa abordagem lingüística, de acordo com Mollica (1992, p. 10) “focaliza como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada”, levando em consideração que existem três termos importantes, mas que merecem atenção devido à facilidade de provocar equívocos, que são: a variedade, que é o termo que condiz com traços próprios de determinados grupos sociais devido a vários critérios como idade, sexo, escolaridade e outros; a variante, item lingüístico que é alvo de mudanças; e por fim a variável, que equivale ao emprego das formas variantes.

Em suma, tomando por base Tarallo (2000, p. 08), “variantes lingüísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável lingüística’”, buscando-se investigar o nível de inalterabilidade ou o nível de mudança da variação.

### 2.1.1 O ato de comunicar-se

Ao nos depararmos com uma avenida muito movimentada precisando atravessá-la, buscamos pela parada dos carros com o sinal vermelho e / ou pela faixa de pedestre. Isso porque sabemos que são símbolos que significam a *parada obrigatória* e sentimos segurança para transitar de um lado a outro. Tanto o semáforo quanto a faixa de pedestre transmitem uma mensagem, assim desenvolvendo um papel muito importante que é a comunicação. De acordo com Jakobson (apud Lopes, 1995), para que ocorra o processo de comunicação se fazem necessários alguns elementos como o remetente, destinatário, um canal e o contexto. Podendo assim, por meio desses elementos, transmitir um conteúdo intelectual, exprimir sentimentos de tristeza e alegria e ainda possibilitar a atração ou inibição de contato.

No entanto, neste excerto nos restringiremos a estudar dois meios comunicativos e de uso constante que é a língua falada e escrita. A primeira é mais natural e aprendemos no cotidiano, junto com outras pessoas que não têm o intuito de ensiná-la. Também é de fácil uso, pois não necessita de planejamento, basta um receptor e um contexto favorável, no máximo expressões do rosto ou gestos. A língua falada, embora seja o mesmo idioma, pode acarretar mudanças conforme o meio social ou regional em que os falantes estão inseridos, por exemplo, para os adolescentes é muito comum o uso de gírias ou, ainda, dependendo da localização territorial, como um falante da região Sul e outro da região Norte, haverá diferença na pronúncia das palavras, o conhecido sotaque, que ao ouvir um e outro soará com estranheza.

Já a segunda, a língua escrita, é a representação gráfica da linguagem oral, não precisa de um receptor no mesmo instante da comunicação, por isso é vista como mais complexa. Colocando-a em prática, o indivíduo precisa realizar um roteiro, um planejamento, para que o leitor possa compreender a mensagem. Mas, também, não é escape das mudanças, como a língua falada, a escrita varia de acordo com o espaço em que se encontra, pois a mesma pode ser formal ou informal.

Enfim, tanto uma como outra nasceram por uma necessidade humana de comunicar-se e desde que surgiram até os dias de hoje as mesmas são passíveis de sofrer mutações, conforme citado por Cegalla (2001, p. 16):

“A língua não é um sistema intangível, imutável; como toda criação humana, está sujeita à ação do tempo e do espaço geográfico, sofre constantes alterações e reflete forçosamente as diferenças individuais dos falantes. Daí a existência dos falares regionais e de vários níveis de fala: culta, popular, coloquial, etc”.

Embora a linguagem escrita e falada, à primeira vista, pareçam-nos semelhantes, ambas apresentam muitas diferenças, visto através da tabela abaixo:

**Tabela 1: Diferenças entre a língua falada e a língua escrita**

<b>Língua Falada</b>	<b>Língua Escrita</b>
Palavra sonora	Palavra gráfica
Recursos: signos acústicos e extralingüísticos, gestos, e fatores físico e psíquico.	Pobreza de recursos não-lingüísticos, uso de letras, sinais de pontuação.
Requer a presença dos interlocutores. Ganha em vivacidade.	Comunicação unilateral. Ganha em permanência.
É espontânea e imediata. Uso de palavras-curinga, de frases feitas.	É mais precisa e elaborada. Aumenta cacoetes lingüísticos e vulgarismos.
A expressividade permite prescindir de certas regras.	Mais correção na elaboração das regras. Evita a improvisação.
É repetitiva e redundante.	É mais sintética. A redundância é recurso estilístico.

Fonte: Silva (2002, p. 31)

Com base nos dados acima, verifica-se que, embora a escrita possa ser informal, é de suma importância que seja clara, objetiva e sem repetição e redundância, caso contrário, dificulta para o leitor a compreensão da mensagem, o que não ocorre no ato da fala que confere um contato direto entre os falantes assim como todo um contexto (gestos, expressões) para ajudar na compreensão.

## 2.2 CURSO DE LETRAS DA UNESC

*“Não é no silêncio que os homens se fazem,  
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.*  
Paulo Freire

### 2.2.1 Regulamento para cursos de graduação

Para que se possa estudar e compreender os fenômenos lingüísticos que perpassam em nossas vidas, principalmente para um profissional do curso de Letras, a base teórica e prática tem de cumprir o que é exigido pelas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação, devidamente aprovado pelo Ministério da Educação – MEC, conforme o Parecer CNE/CES 492/2001 e o Parecer CNE/CES 1.363/2001. Eles abarcam o que deve constar no projeto pedagógico do referido curso, como:

- a) perfil das pessoas envolvidas no curso (professores e acadêmicos);
- b) competências gerais e habilidades específicas que serão desenvolvidas durante a formação do acadêmico;
- c) conteúdos básicos e de formação profissional;
- d) estruturação do curso;
- e) formas de avaliação;
- f) carga horária do curso.

O próprio Parecer salienta, ainda, a necessidade de ampliar o conceito de **currículo**, entendendo que o mesmo, além de conceber todo o conjunto de conhecimento, competência e habilidades, é “todo e qualquer conjunto de atividades acadêmicas que integralizam um curso” (Parecer CES 492/2001, p. 29). Dentre as áreas de conhecimento, o curso de Letras está associado às Ciências Humanas,

que cultivam a sociedade moderna e os valores humanistas, não podendo fugir da consciência de diversidade e heterogeneidade do ser humano e do contexto em que o indivíduo está inserido.

### **2.2.2 P.P.P. do curso de letras da unesc**

Conforme o excerto acima, qualquer curso de graduação, aqui especificamente o curso de Letras, precisa seguir as Diretrizes Curriculares, mas não se pode jogá-las aos docentes sem antes analisar a realidade da instituição e dos membros que nela habitam. Para que esse trabalho ocorra com eficiência é necessário ter um Projeto Político-Pedagógico, no qual constem fatos reais e ideais, tendo como direcionamento para a sua construção as Diretrizes do Curso.

Primeiramente, é necessário entender o que é o famoso e temido (por muitos) PPP.

Utilizando o trabalho desenvolvido por Souza (acessado em 26/02/07), o mesmo apresenta conceitos a respeito do PPP. A princípio, o autor desmembra o sintagma buscando conceituar cada palavra para em seguida compreendê-la no todo. Assim, resumidamente, apresentamos seus significados: projeto, algo futuro baseado no presente; político, ligado ao bem-estar da comunidade; pedagógico, pressupõe uma definição de diretrizes que se tornam ações e que provocam uma mudança na realidade.

Unindo esses três vocábulos, o autor definiu o PPP da seguinte maneira:

“O Projeto Político-Pedagógico é um empreendimento planejado que consiste num conjunto de atividades inter-relacionadas e coordenadas (a programação), com o fim de alcançar objetivos específicos considerando a realidade diagnosticada (o diagnóstico) num tempo presente na escola para que essa realidade possa ser modificada num tempo futuro através da transformação de idéias fundamentadas na análise e discussões coletivas (o marco referencial) em ações procedimentais, que devem ser avaliadas continuamente”.

Com as leis educacionais qualquer instituição de ensino - privado ou público, ensino básico ou superior – deve seguir as diretrizes e manter vivo e presente o PPP.

Agora, conhecendo-o, e, acima de tudo, compreendendo-o, temos como objetivo analisar o PPP do curso de Letras da Unesc, com o intuito de verificar se contempla o que é pedido em Lei e, como foco primordial do presente trabalho, analisar qual o posicionamento que o referido curso está dando para a questão da diversidade lingüística, ou melhor, para as linguagens usadas em ambientes eletrônicos.

### **2.2.3 Estrutura do PPP do curso de letras da unesc**

O Projeto Político Pedagógico do curso de Letras é dividido em quatro partes, iniciando pelo Marco Pedagógico da Unesc, Marco Referencial do Curso de Letras, Diagnóstico e, por fim, a Programação. Mas na própria introdução do PPP já são mencionadas as etapas para desenvolvê-lo e aplicá-lo, distribuídas - nas quatro partes citadas - pelos seguintes itens:

- ↪ Marco Referencial da UNESCO, cujo texto reproduz integralmente a proposta da Universidade e que representa o ponto de referência indispensável a todo e qualquer planejamento vinculado a esta Instituição.
- ↪ Origem do Curso de Letras, que resgata os informes capazes de assegurar sua ligação com a História da Universidade, como um dos primeiros cursos aqui criados. Inclui também as informações relativas

à “situação ideal”, com objetivos, organização curricular e grade de disciplinas conforme legislação que regulamenta o curso.

- Definição de conceitos norteadores e de perfis ideais de todos os envolvidos no Curso de Letras, como uma forma de estabelecer, para esse micro-sistema universitário, uma meta ideal, construída nos últimos anos, de uma forma mais democrática, nos debates coletivos praticados pelos membros do curso.
- Diagnóstico, com vistas a determinar o resultado da análise comparativa entre a realidade atual e a realidade ideal; procedimento que torna possível um levantamento não só dos entraves à meta desejada, mas também das conquistas que já estão sendo praticadas.
- Programação de ações e de atitudes que os membros do grupo desejam realizar ou continuar realizando, a fim de diminuir a distância entre o real e o ideal.

Dentre todos esses pontos é mencionado o que já existe (real) e o que é pensado (ideal) com o intuito de buscar alternativas para a sua concretização. No quesito sobre as diretrizes do curso, o PPP segue as normas estabelecidas por lei, inclusive mencionando-as, como: Parecer n.º 236/65, do Conselho Federal de Educação e Portaria Ministerial n.º 168/65; Parecer n.º 292/62, 14.11.62, para definição das disciplinas da área pedagógica; Parecer n.º 672/69, de 04/9/69, que estabelece o conteúdo mínimo e duração para a formação pedagógica; Portaria SESu/MEC n.º 146 de 10.03.98, que prioriza Comissão de Especialistas em Ensino de Letras; Decreto n. 82.542, de 01/11/78 - Parecer n. CNE/CES 492/2001, Decreto n.º 82.842/1978, determina o que é proposto pelas Diretrizes Curriculares do Curso de Letras.

E, outros pontos, amparados pela lei correspondem a alterações na Matriz Curricular, conforme Projeto CNE/CP2, de 19/02/2002 e Resolução CNE/CP1 de 18/02/2002.

Em todo o PPP vai se traçando o perfil dos membros envolvidos no curso, ou seja, acadêmico ingressante e egresso, professores e coordenadores; conceitos sociais e políticos, como educação, honestidade, ética, inclusão, e outros; por fim, os objetivos para formar um profissional qualificado.

Ao abordar os objetivos para contribuir na formação do discente vêm relacionando vários pontos importantes, dentre eles:

- Compreender a língua e a literatura como meios de comunicação e expressão do ser humano;
- Ver, ampla e criticamente, a realidade econômica, política e cultural da região;
- Dominar as diferentes noções de gramática e reconhecer as variedades lingüísticas existentes, bem como os vários níveis e registros de linguagem;

Três fatores que estão interligados com a linguagem, oral ou escrita. Contudo, não especifica quais as possíveis variedades lingüísticas, porém é de suma importância que o acadêmico, e futuro especialista, consiga entender, reconhecer e tomá-las como meios para transmitir mensagens.

Portanto, sobre a variedade que está atingindo os meios eletrônicos, a linguagem denominada “internetês”, não é mencionada no PPP.

## 2.3 LÍNGUA PORTUGUESA

*“Eu queria que a língua portuguesa  
chegasse ao máximo nas minhas mãos.  
E este desejo todos os que escrevem têm”.*  
*Clarice Lispector*

### 2.3.1 No Brasil

A Língua Portuguesa, oriunda do latim e conhecida como língua românica, é o idioma oficial do Brasil, como também de outros países espalhados nos quatro continentes: África, América do Sul, Ásia e Europa; conforme o mapa geográfico:

**Figura 1: Países de língua oficial Portuguesa**



Fonte: [www.cooperaremportugues.org/.../mp\\_mundi.gif](http://www.cooperaremportugues.org/.../mp_mundi.gif)

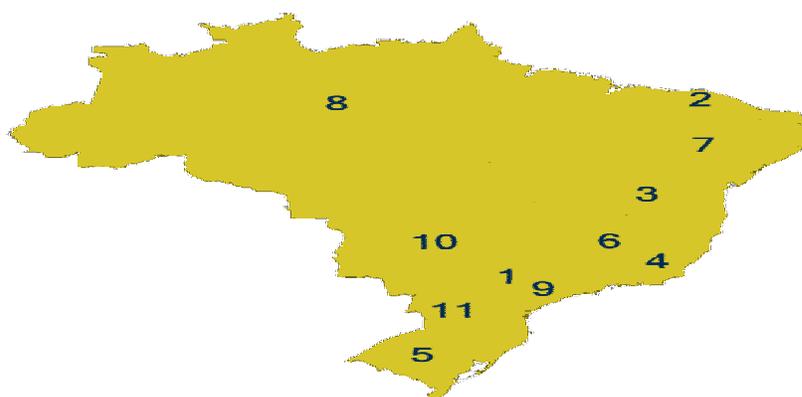
No ano de 1500, os navegadores portugueses chegaram ao Brasil, tomando conta das terras e tentando padronizar o idioma que até então era utilizado: as línguas indígenas. Contudo, a língua portuguesa recebeu fortes influências, não

somente das tribos que aqui habitavam, mas também dos imigrantes europeus, em maior proporção Italianos e alemães. Motivo esse que atualmente muito ouve-se falar que o idioma no nosso país é o português do Brasil, que apresenta muitas diferenças com relação ao português de Portugal.

Ainda, segundo Silva (2004), entre os séculos XVI e XVIII, com o advento da escravidão africana no Brasil, houve uma época em que, somando-se os habitantes africanos e indígenas, esse número era muito maior do que o de habitantes brancos / europeus. Daí dizer-se que o português do Brasil é diferente do falado além mar. Pois as influências desses dois povos foram ímpares acrescentando, obviamente, outras como a francesa, a italiana e a alemã; uns porque ditavam a moda, outros porque vieram ao Brasil com o intuito de "embranquecer" o nosso país.

Desse modo que no próprio território brasileiro há muita diversidade, conforme a região existem expressões fonéticas e lexicais diversificadas, ou seja, encontra-se disparidades tanto na fala quanto na escrita, fenômeno este conhecido como "dialetos". O que de fato podemos verificar na figura abaixo:

**Figura 2: Dialétos do Brasil**



Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

**Tabela 2: Indicação do Mapa**

Dialéto	Localização
Caipira	Interior do estado de São Paulo, norte do Paraná, sul de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul
Maranhense, Piauiense (Meio Nortista)	Maranhão e Piauí
Baiano	Região da Bahia
Fluminense	Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo (a cidade do Rio de Janeiro tem um falar próprio)
Gaúcho	Rio Grande do Sul, com alguma influência do castelhano, como dizer "bueno", "griz", "cucharra" e "entonces".
Mineiro	Minas Gerais
Dialetos nordestinos	Conjunto de dialetos falados na Região Nordeste, com exceção da Bahia.
Nortista	Estados da bacia do Amazonas (o interior e Manaus têm falares próprios)
Paulistano	Cidade de São Paulo e proximidades (com influência da imigração italiana).
Sertão	Estados de Goiás e Mato Grosso, estes se assemelham um pouco com o dialeto mineiro.
Sulista	Estados do Paraná e Santa Catarina. Este dialeto sofre inúmeras variações de pronúncia de acordo com a área geográfica, sendo influenciado pela pronúncia de São Paulo no norte do Paraná e do Rio Grande do Sul no oeste do Paraná e em algumas regiões de Santa Catarina. Há pequenas influência nas áreas de colonização alemã com sotaque.

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

No entanto, as modificações dialetais não param por aí; conforme Alamini (2006, p. 42) “com os modernos meios de comunicação e a globalização a língua portuguesa acabou por sofrer influências de outras línguas modernas, principalmente a inglesa, na forma de estrangeirismos” e de acordo com Dias (2007) muitos desses estrangeirismos foram aportuguesados seguindo o padrão de escrita e pronúncia do nosso idioma.

### 2.3.2 Na educação

Em meio a tantos dialetos ou variações lingüísticas, como fica o ensino da língua portuguesa nas Instituições Educacionais, seja para o ensino fundamental e médio ou superior?

Torna-se muito complicado ensinar a língua portuguesa em um ambiente onde de fato os aprendizes já usam e conhecem o idioma, o que seria totalmente diferente caso fosse uma língua estrangeira. Por esse motivo, Cagliari (1996, p. 28) tenta mostrar qual o verdadeiro papel do docente dessa disciplina:

“(…), o professor de português deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos lingüísticos, nas mais variadas situações de suas vidas”.

O que acontece nas instituições de ensino é o inverso do que propõe Cagliari (1996). O que é repassado nessa disciplina é a gramática normativa, também conhecida como tradicional que dita as normas do falar e escrever bem, esquecendo que os alunos já possuem uma bagagem muito ampla a respeito da linguagem, pois são nativos e acima de tudo praticantes diários do português. Além do mais, muitas das regras vistas nas escolas não são mais utilizadas no dia-a-dia, acarretando nos discentes certo pavor pela própria disciplina, sendo que a mesma deixa de atingir um dos principais objetivos citados por Back (2000, p. 9): “os alunos devem sair da escola sabendo utilizar a língua para raciocinar, para comunicar-se, para conviver e para se encantar com as suas belezas”.

Dessa maneira, conclui-se que para a formação de um aluno, dentro da disciplina de língua portuguesa, conforme as Orientações Curriculares Nacionais (2006, p. 18) deve-se propiciar e de maneira significativa as quatro habilidades:

fala/escuta, leitura/escritura; considerando a capacidade de análise e reflexão sobre língua e linguagem. Enfim, introduzir novos métodos, esquecer as “ditaduras”, buscar por meio do uso real os conteúdos e a partir deles aprender e apreender o sistema lingüístico, tanto formal e quanto o informal.

## 2.4 FENOMENO INTERNETÊS

*“Começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer”.*  
Graciliano Ramos

### 2.4.1 Vc naum entendeu??

Das variedades lingüísticas existentes, uma em particular, conhecida como “internetês”, foi criada pelos usuários da internet (internautas), que hoje ultrapassa mais de um milhão de pessoas, e que, posteriormente, essa mesma atingiu outros meios eletrônicos que também utilizam à linguagem escrita.

No espaço virtual, considera-se que maior parte é em tempo real, não há preocupação com o domínio da norma padrão, pois o objetivo é a comunicação rápida, por isso o uso de abreviaturas, símbolos e, também, quase que uma transcrição da língua falada.

Embora não siga as regras gramaticais da língua, o “internetês” não deixa de ter as suas próprias regras, contudo, não traça formas severas de aplicação. Afinal, o intuito da mesma é a agilidade, dentro ou não de suas regras, para compreender e ser compreendido.

Seu uso acontece em maior proporção por adolescentes através das fontes digitais como: bate-papo, chats, mensagens de celular, blog e sites de relacionamento.

Nesses ambientes, as idéias ou sentimentos que se deseja expressar transformaram-se em novos vocábulos ou, ainda, em Emotions / Smiler / Carinhas, como podemos observar nos quadros abaixo:

**Quadro 1: Palavras e abreviações utilizadas no mundo virtual**

Adeus	Falow
Aqui	Aki
Até mais	T+
Beijos	Bjs ou bjuxx
Beleza	Blz
Cadê	Cd
Cadê você	Kd vc
Casa	Ksa
Chorro	Buáaa ou sniff
Com	Cm, c ou c/
Como	Cmo
De	D
Demais	D+
Depois	dps
Donde	Dd
Falou	Flw
Fim de semana	Fds
Hoje	Hj
Horas	Hrs
Muito	Mto
Não	Ñ, n ou naum
Nome e idade	nomidade
O quê?	Oq
Para	p/ ou pa
Para você (for you)	4U
Quando	Kdo, qdo ou qd
Quanto	Kto o qto
Quem	Qm
Que	Q ou ke
Risada	Hahaha ou hehehe
Se	C
Também	Tbm ou tb
Teclar	Tc (gíria para “conversar”)
Tudo bem	Tah
Valeu	Vlw
Você	Vc

Fonte: Alamini (2006 apud GRESpan, 1998, p.14)

Em consonância com Alamini (2006) o uso das abreviações é livre, o que vale é a economia ao escrever e a criatividade ao expressar uma idéia por meio da escrita, o que também ocorre ao suprimir as vogais dos vocábulos conforme o quadro abaixo:

### Quadro 2: Supressão das vogais

De	D
Depois	Dps
horas	Hrs
Mesmo	msm
Porque	Pq
Quando	qd
Você	vc
Vocês	Vcs

Fonte: Alamini (2006 apud RAMOS, 2006, p. 8)

No entanto, ao marcar alguns tipos de acentuações há acréscimo na palavra como nos casos em que aparece o acento agudo é substituído pela letra 'h' e nos casos dos ditongos nasais usa-se o "aum", como vemos nos quadros três e quatro e; ainda, ao expressar um exagero verifica-se no quadro cinco um alongamento das palavras com a repetição das mesmas letras:

### Quadro 3: Utilização de letra h para marcação do acento agudo

Até	Ateh
É	Eh
Lá	Lah
Só	Soh
Tá	Tah

Fonte: Alamini (2006 apud CAIADO, 2006, p. 8)

### Quadro 4: Ditongos nasais substituídos por "aum"

Conclusão	Conclusaum
Coração	Coracaum
Então	Entaum
Estão	Estaum
Feriadão	Feriadaum
Não	Naum
São	Saum
Tão	Taum

Fonte: Alamini (2006 apud CAIADO, 2006, p. 9)

**Quadro 5: Alongamento das palavras através da repetição exagerada das  
letras**

Adoro	Adooooo
Amei	Ameeee
Amo	Aaaaamo
Beijos	Bjuuuus
Bem	Bemmm
Bom	Baummm
Dormi	Durmiiii
Feliz	Felizzz
Nós	Nossss

Fonte: Alamini (2006 apud CAIADO, 2006, p. 10)

Por último, no quadro seis observa-se uma lista de ‘carinhas’ ou, ainda, ‘emoticons’ que Alamini (2006) identifica como símbolos que significam o tom da conversa e as emoções humanas.

**Quadro 6: Lista dos emoticons mais comuns**

:-) ou :)	sorrindo
:-( ou :(	triste
:1 ou :\ ou :1	indeciso
:	incerto
;-) ou ;)	piscadela (piscada)
:-D ou :D ou =D	sorriso grande ou risada
:-p ou :-p ou :p	de língua pra fora, expressando sarcasmo
B-) ou 8-)	Com óculos escuros
:-0 ou :-0 ou =0	surpreso
:-5 ou :-5 ou =5	confuso
:-x	"eu não devia ter dito isso" (ou beijo)
:'( ou :-( ou :-(	chorando
:0) ou :0)	nariz de palhaço
>:-) ou }:-)	diabólico (com chifres)
x) ou xD	rindo, com os olhos fechados (ou envergonhado)
5:)	topete
:D ou :-D ou =D	muito contente

(continua)

:* ou =*	beijinho
0:-)	santo ou "não fiz nada"
./. ou I	gesto obsceno
:] ou :-] ou =]	sorriso simples, "quadrado" ou sem-graça.

Fonte: Alamini (2006 apud GRESPAN, 1998, p. 14)

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*“Mestre não é só quem ensina;  
mas quem, de repente, aprende”.*  
Guimarães Rosa

A presente pesquisa é do tipo básica (de natureza quantitativa, qualitativa, descritiva e analítica). Com ela analisaram-se os seguintes documentos: Projeto Político-Pedagógico do curso de Letras da Unesc e as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação.

O ponto de maior relevância para a pesquisa foi obtido através dos questionários (anexo) aplicados com os professores e acadêmicos da primeira e sétima fase do curso de Letras, também da Unesc, universidade localizada em Criciúma (SC), com o objetivo de identificar e conhecer as teorias e métodos propostos pelo curso, tanto no âmbito docente e discente, quanto à linguagem que está sendo fortemente utilizada nos meios eletrônicos. Ou seja, desde a forma de abordá-la no contexto educacional, sua aplicação e o modo como cada sujeito está interpretando-a.

Os dados coletados foram analisados de forma descritiva e quantitativa, com algumas questões analisadas e configuradas por meio de estatísticas.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

*“Um livro é um mudo que fala,  
um surdo que responde, um cego que guia,  
um morto que vive”.*  
Pe. Antonio Vieira

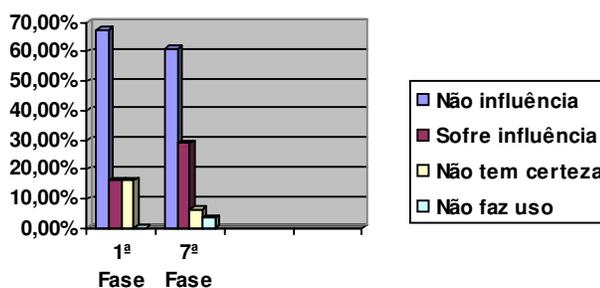
### 4.1 A visão dos acadêmicos do curso de Letras da Unesc

O instrumento de coleta de dados utilizado para os acadêmicos do curso de Letras foi o mesmo para a turma da primeira e sétima fase. Sendo que a primeira turma conta com 37 alunos e a outra turma com 31 alunos. O questionário obtinha o total de sete questões as quais iremos, neste momento, analisar:

#### 1) Você acha que o ‘internetês’ exerce influência na sua linguagem (oral ou escrita) enquanto estudante de Letras? Quais? Por quê?

Mesmo com o grande número de alunos usando o espaço virtual, o que veremos na questão seis, é que os mesmos relatam saberem onde e quando o ‘internetês’ pode ser empregado. No gráfico abaixo vemos que a maioria, e de ambas as turmas, não sofre a influência desse fenômeno:

**Gráfico 1: Influência do uso do ‘internetês’**



Fonte: Dados da Pesquisa

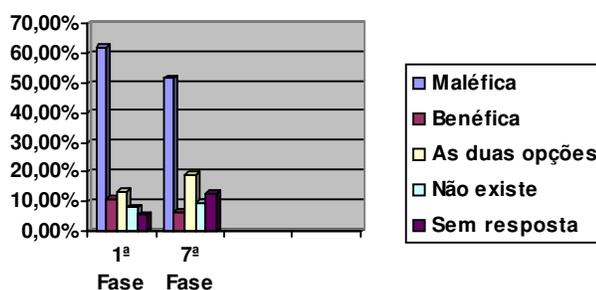
O que chamou a atenção nas respostas dos alunos é em relação à não influência, com 67,6% na primeira fase e 61% na sétima fase, tratar-se de não ocorrer por estarem no curso de Letras. Já os 16,3% da primeira fase e os 29% da sétima fase admitem serem influenciados na escrita devido às abreviações que

facilita a comunicação, ou seja, torna-se mais rápida.

## 2) A influência, se existe, é maléfica ou benéfica? Por quê?

Em relação a esta questão o intuito é identificar se com o uso contínuo da linguagem eletrônica, embora inserida no contexto virtual, pode acarretar problemas em outras esferas, como em trabalhos acadêmicos ou qualquer outra produção escrita? Ou, a mesma pode auxiliar e fazer com que o indivíduo domine melhor o português padrão? Segundo os acadêmicos, verifica-se através do gráfico abaixo que tal linguagem é em maior proporção maléfica, totalizando 62,12% na primeira fase e 51,8% identificados na sétima fase:

**Gráfico 2: Influência do 'internetês', maléfica ou benéfica?**



Fonte: Dados da Pesquisa

Através das respostas dos acadêmicos, muitos acreditam que o uso freqüente do 'internetês' fará com que o usuário passe a ter dúvidas ao escrever conforme as regras gramaticais, justamente, por não praticá-la. Outros colocam que não é maléfica, pois o acadêmico de Letras saberá como e quando usar a linguagem eletrônica e que muitas vezes a agilidade e a simplicidade ajudam no ato de comunicar-se.

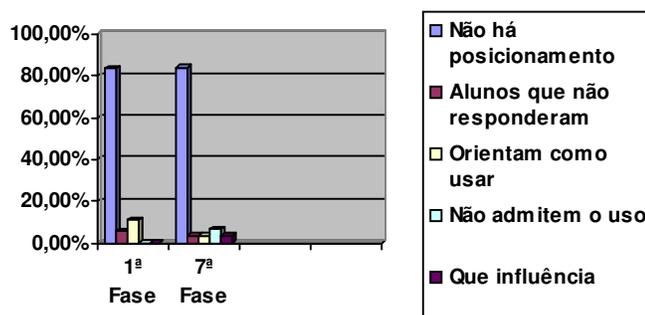
## 3) Qual o posicionamento de seus professores a esse respeito?

Na terceira pergunta busca-se saber, por meio dos alunos, se os professores abordam o tema em sala de aula e qual a reflexão por eles, transmitida aos discentes.

O que ressaltou nas duas fases é que grande parte nunca ouviu comentários em torno desse assunto, 83,8% na primeira fase e 84% na sétima fase.

Ou seja, ainda que tenha a diferença de quase três anos de estudo acadêmico entre uma turma e a outra, o resultado da pesquisa sobre esta questão é, parcialmente, a mesma:

**Gráfico 3: Posicionamento dos professores**

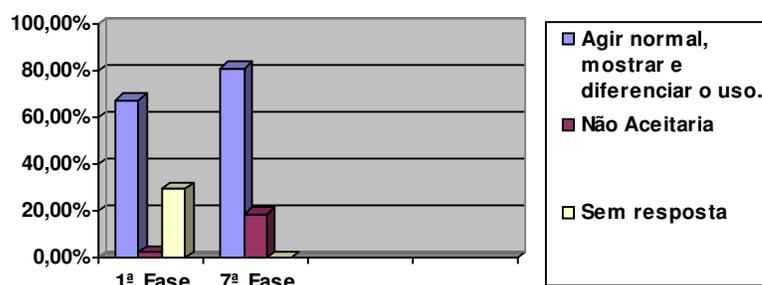


Fonte: Dados da Pesquisa

**4) Sendo usuário das atuais tecnologias, no papel de professor, como você reagiria (reage) quanto às manifestações em 'internetês' com seus alunos? Por quê?**

Na indagação número quatro objetivou-se identificar a postura dos acadêmicos enquanto futuros professores ou, em alguns casos, já atuantes na profissão, ou melhor, busca-se saber qual seria a posição ou reação diante das possíveis ocorrências da linguagem utilizada na Internet. Com a pesquisa detectamos que uma porcentagem maior dos acadêmicos, conforme o Gráfico 4, reagiria normalmente, contudo, exporiam o assunto de forma que os seus alunos compreendessem o contexto de uso, identificando o gênero textual como informal.

**Gráfico 4: Posicionamento dos alunos enquanto professores**

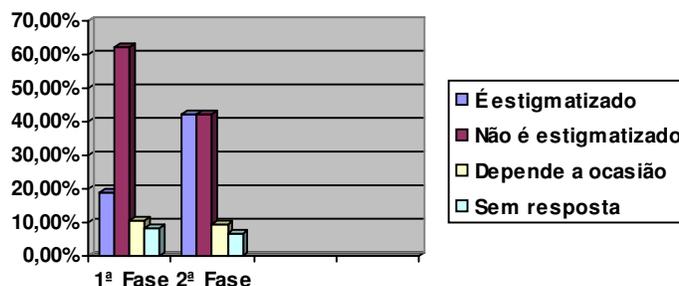


Fonte: Dados da Pesquisa

No entanto, salienta-se que enquanto na primeira fase 29,8% não sabe ainda como agir nessa situação, a sétima fase, com 19,8%, não aceitaria o uso do 'internetês' porque pode acarretar dificuldades ao empregar a forma padrão da escrita.

**5) O uso do internetês é estigmatizado em nossa sociedade? Se sim, diga de que maneira.**

Visto que alguns acadêmicos não usam o 'internetês' e até mesmo criticam o seu uso, indagamo-os quanto à opinião da sociedade, se é censurada ou não. No relato dos alunos da primeira fase, 23% acreditam não ser estigmatizado já que grande parte da população tem acesso a Internet e a utiliza para agilizar a comunicação. Ao contrário da sétima fase que igualou, com 42%, para os que crêem que é estigmatizada e o mesmo resultado para os que não crêem que a sociedade trata-a de maneira repreensiva. Assim, atentamos para o gráfico abaixo:

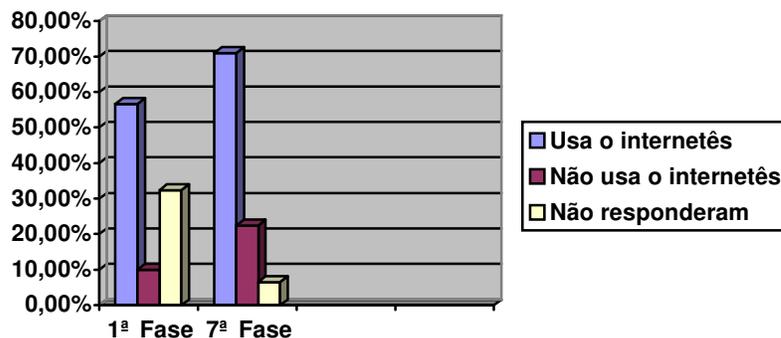
**Gráfico 5: Internetês na sociedade – acadêmicos**

Fonte: Dados da Pesquisa

Nas duas turmas houve opiniões que presumem que o 'internetês' dependendo da ocasião pode ou não ser estigmatizado - primeira fase, 10,7%; sétima fase, 9,6% - dependendo da ocasião em que à mesma será empregada. Caso seja no ambiente virtual como num bate-papo entre amigos ela é bem aceita, mas se empregada num texto formal, por exemplo, carta-comercial a mesma será censurada.

**6) Se você faz uso do internetês, neste espaço, registre os exemplos mais usuais.**

No capítulo dois estudamos, com base em Alamini (2006), como se dá a linguagem eletrônica, as abreviações, apagamento de vogais, a marcação de acentos, alongamento de palavras e outros exemplos. Neste sentido, solicitamos aos discentes que registrassem o que mais aplicam no ambiente virtual. Conforme o gráfico a seguir, dos 37 acadêmicos da primeira fase, 12 não responderam e quatro não utilizam a linguagem e; dos 31 acadêmicos da sétima fase, sete não usa o 'internetês' e dois não responderam. Assim, corrobora o que muitos dos alunos citaram na pesquisa, que grande parte da sociedade faz uso das tecnologias virtuais, como também, do uso da linguagem eletrônica.

**Gráfico 6: Uso do Internetês**

Fonte: Dados da Pesquisa

E, da linguagem em questão, o que é mais usual por parte dos entrevistados está relacionado no quadro abaixo:

**Quadro 7: Exemplos do internetês**

Linguagem Padrão	Internetês
Você	vc
Quando	qdo, kdo
Porque	pq,
Para	p/, pa
Não	naum, n, ã
Também	tb, tbm,
Sim	aham
Risadas	hahaha, hehehe, kkk
Beijos	bj, bjs, bju, bjos, bjokas, beju, bjux
Mensagem	msg,
Comigo	cmg, cmgo
Casa	ksa
Contigo	cntg, ctg
Que	q
Com	c/
Quero	qro
Trabalho	trab,
Hoje	hj
Acho / achar	axu, axo / axar

(continua)

Cada / cadê	kda / kd
Brincadeira	brinks
Tchau	xau
Passam	paxam
De	d
Ficar / Fiquei	fik / fkei
Aqui	aki
Final de semana	findi, find,
Até logo	te logo
Nunca	nunk
Mesmo	msm
Tudo	td
Bom	bm
Beleza	blz, blza
Tipo	tpo
Está	tah
É	eh
Certo	ok
Mas	+
Lá	lah
Celular	cel
Pois é	pse
Muito	mto
Teclar	tc
Até	teh
Qualquer	qqr
Ão	aum
Ceguei	xeguei

Fonte: Dados da Pesquisa

Dos exemplos acima, é possível perceber que os estudantes do curso de Letras optam muito mais pela abreviação de vocábulos, no entanto, não deixa de ocorrer à troca de letras e o não-uso da acentuação (agudo e til), passando por caracterizar-se pela letra “h” ou pela sílaba “aum”.

### 7) Se você faz uso do internetês, em que espaço o faz:

Como a maior porcentagem de alunos faz uso da linguagem eletrônica, buscou-se saber qual o espaço virtual em que a mesma é mais decorrente. Colocamos algumas opções como: e-mail, bate-papo e sites de relacionamento; porém, deixamos aberto para que pusessem mais alternativas. Dessa forma, através do Quadro 8, atentamos para os seguintes resultados:

**Quadro 8: Ambiente de uso do Internetês**

Ambiente Virtual	Quantidade de uso	
	1ª fase	7ª fase
E-mail	16	19
Bate-papo	20	24
Sites de relacionamento	06	11
Outros: celular, fotolog	04	10

Fonte: Dados da Pesquisa

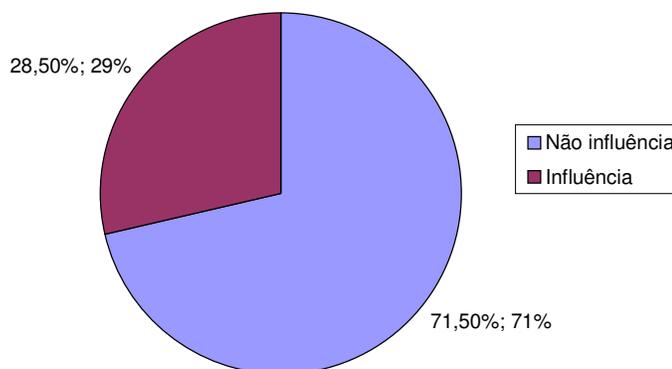
## 4.2 A visão dos professores do curso de Letras da Unesc

Com os 24 docentes do curso de Letras utilizamos outro questionário (anexo), qual foi encaminhado via e-mail. Mas somente sete professores responderam as questões abaixo:

### 1) Você acha que o internetês exerce influência quanto à linguagem utilizada pelo acadêmico do curso de Letras? Quais? Por quê?

Na primeira questão buscamos saber se os professores têm notado alguma influência do 'internetês' na linguagem de seus acadêmicos. Dos sete docentes, cinco não identificaram nenhuma influência, enquanto que dois colocam-se ao contrário. Verificamos o gráfico a seguir:

**Gráfico 7: Influência na Linguagem**



Fonte: Dados da Pesquisa

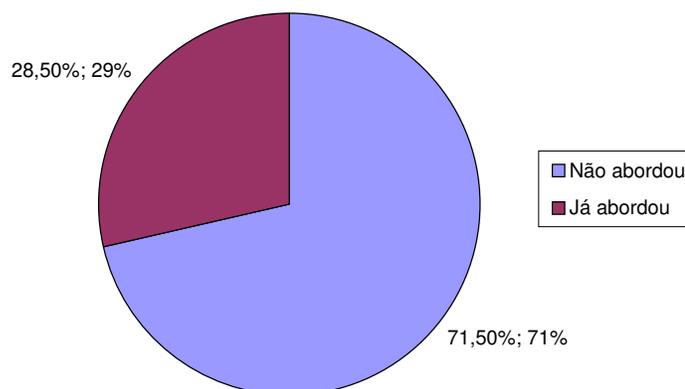
Os que acreditam que não há influência colocam que os alunos sabem distinguir o contexto de uso ou, tal influência, possa ocorrer junto aos alunos do Ensino Fundamental e Médio. Já os professores que admitem ocorrer alguma interferência citam que tanto na expressão escrita quanto falada, há uma tendência de os alunos abreviarem palavras ou inserirem expressões da oralidade que não correspondem à linguagem desejada para os acadêmicos. Tampouco de não

desenvolverem o raciocínio de forma ordenada, “saltando” de um pensamento a outro, e poucas vezes, emitindo um parecer próprio sobre o que está sendo estudado.

## 2 ) Você aborda esse tema com os acadêmicos?

Nesta questão o objetivo é saber se os professores estão focalizando esta idéia com os acadêmicos e, igualando as porcentagens do item anterior, 71,5% não aborda o assunto contra 28,5% que já o enfatizou o tema em sala aula.

**Gráfico 8: Abordar o Internetês**



Fonte: Dados da Pesquisa

## 3) Se sim, qual a metodologia usada, ou seja, de que maneira você trabalha?

Contudo, procuramos saber de que forma o tema foi ou está sendo discutido com os futuros professores de língua materna e língua estrangeira. Alguns docentes colocam que não há uma abordagem específica sobre o tema, mas, por vezes, ao revisar as avaliações discutem e fazem com que eles observem a necessidade de melhor adequarem à linguagem acadêmica, ou seja, fazendo com que os mesmos reflitam até que ponto isso é negativo e positivo e como fazer para tentar evitar a influência no dia-a-dia.

**4) Qual a sua visão quanto à linguagem usada nos meios eletrônicos (internetês)?**

As opiniões a respeito da linguagem que permeia o espaço virtual são muito semelhantes, os mesmos a citam como criativa que demonstra que a língua é uma realidade viva e, portanto, em constante transformação. Em maior proporção, deve-se discutir a sua utilização para que não venha influenciar na comunicação formal.

**5) O PPP do curso, em algum momento, faz considerações acerca desse fenômeno?**

Como o PPP é um documento vivo, qual perpassa todo o andamento do curso e cujos professores e alunos são os elementos principais para sua elaboração e efetivação, tem-se o intuito com esta questão saber se em algum momento o mesmo faz referências sobre o 'internetês'. Todos os docentes que responderam ao questionário negaram o fato de o documento citar algo sobre este assunto, embora, ressalte de maneira geral as variedades lingüísticas.

**6) Se o faz, como se dá? Se não o faz, deveria fazer? Por quê?**

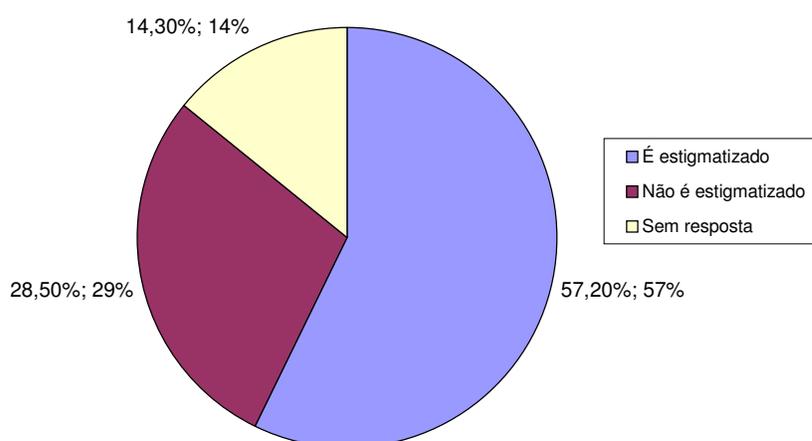
No item seis, obtivemos quatro respostas divididas em: temática que se insere nas discussões mais amplas acerca da compreensão epistemológica sobre a língua que o curso adota, estando ela genericamente contemplada; outras duas respostas obtidas, é que seria importante uma melhor explanação no PPP a respeito deste assunto, visto que os egressos vão lidar, na docência, com alunos de escolas de ensino fundamental e médio; e por último, a colocação do docente é que não há necessidade de abordar o assunto do PPP por tratar-se de um estilo volátil como as 'gírias', portanto, basta trabalhar com a diversidade em todos os seus aspectos, não com tanta ênfase.

**7) O uso do internetês é estigmatizado em nossa sociedade? Se sim, diga de que maneira.**

Da mesma maneira como questionamos aos acadêmicos também o se fez aos professores, visando saber qual a relação da sociedade diante do 'internetês'. E, com maior proporção - quatro indicações - acredita-se que ela é

estigmatizada pelos falantes da norma padrão ou, ainda, por não saberem separar a linguagem culta da linguagem coloquial. No entanto, os que se opuseram afirmam não terem ouvido falar sobre suposta crítica e as pessoas sabem que esta forma de se expressar nada mais é do que a representação da velocidade da esfera social na qual estamos inseridos. Para melhor visualização abaixo segue o gráfico:

**Gráfico 9: Internetês na sociedade – docentes**



Fonte: Dados da Pesquisa

## 5 CONCLUSÃO

O uso da linguagem virtual está cada vez mais constante, foi o que identificamos com a pesquisa realizada junto aos alunos do curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc. Contudo, é um assunto novo e que ainda será motivo de grandes discussões no meio acadêmico.

Com a presente pesquisa buscamos saber qual a visão dos professores e também dos alunos em torno do tema “internetês”. De maneira geral, os documentos pertencentes ao curso de graduação de Letras não tratam de maneira específica sobre essa linguagem, mas sim, salientam a importância de trabalhar com as variedades lingüísticas existentes.

Ainda com os resultados da pesquisa, em maior proporção os alunos responderam que não havia conhecimento do posicionamento de seus professores a respeito do “internetês”, ou seja, que tal linguagem em nenhum momento foi discutida em sala de aula. O que de fato corroborou com as respostas dos professores quando questionados se abordavam ou não o assunto com os alunos, pois a maioria respondeu que nunca havia focalizado esse conteúdo, ou que, tratavam de forma superficial ao revisar alguma avaliação. Afinal, tanto os discentes como os docentes, não vêem a linguagem virtual como um sério problema, afirmando que o seu uso é num espaço restrito e informal.

Outro ponto relevante do trabalho foi de observar como os professores estão sintonizados com o documento do curso qual conta o passado, o presente e os aspectos idealizados para o futuro do curso que é o PPP. Mesmo que não trate da linguagem virtual como item de discussão com os acadêmicos, na pesquisa os

docentes dividiram-se, uns acreditando que o “internetês” deve ser inserido nas ementas das disciplinas visto que os futuros professores irão trabalhar com o ensino fundamental e médio, qual o público faz uso constante da linguagem. Já outros, crêem que não é necessário especificar tanto, devido tratar-se de um estilo semelhante às gírias e que não tem força de permanecer estante na sociedade.

Em suma, por fazer referência a um meio de comunicação; vivo e muito criativo e ágil, como de fato é o espaço virtual; mesmo que não esteja presente nos documentos educacionais, é uma proposição qual há que ser discutida para que não venha a influenciar a comunicação formal. Começasse de modo superficial em sala de aula, partindo para as reuniões com os alunos e professores do curso para quem sabe, fazer parte do PPP do curso, já que é uma linguagem que tende a evoluir mais devido ao grande número de usuários das tecnologias e, conseqüentemente, usuários da escrita rápida e econômica que é o “internetês”. Neste sentido, a escrita no ambiente virtual não será uma ameaça à língua portuguesa, principalmente, em espaços formais.

## REFERÊNCIAS

- ALAMINI, Maria Isabel Borba. **O Código Lingüístico das novas tecnologias digitais de comunicação – TDC – e o Uso na Língua Portuguesa**: um estudo sobre as dificuldades encontradas pelos alunos dos cursos de Administração, Comércio Exterior, Psicologia, Engenharia Civil, Direito e Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense, no uso da Língua Portuguesa. 2006. 91 f. Monografia (Especialização em Didática e Metodologia do ensino Superior) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.
- BACK, Eurico. **Como Ensinar Português**: Domínio de Língua. Criciúma: UNESC, 2000. 121 p.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz. 6ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 2000. 147 p.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 44 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- DIAS, Almerinda Tereza Bianca Bez Batti, **Fora palavras estrangeiras?!** Jornal Tribuna do Dia, Criciúma, 17 e 18 de março de 2007. A tribuna do leitor, p. 2.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Lingüística: I. Objetos Teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- MOLLICA, Maria Célia (org.) **Introdução à Sociolingüística Variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- NONENMACHER, Patrícia. **Pq os jovens tc axim?** Jornal da Manhã, Criciúma, 24 agosto 2006. Caderno de Variedades.
- PARECER CNE/CES 492/2001, **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia**, Brasília, DF, Seção 1e p.50, julho 2001.
- PROJETO Político-Pedagógico do Curso de Letras. Criciúma: Unesc, 2006.
- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias / Secretaria de Educação Básica, - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Ed. Cultrix. 1696.
- SILVA, Maria Aparecida. **O Ensino da Língua Portuguesa através de Comunicação Informatizada em Ambiente de “Chat”**. 2002. 131 f. Dissertação

(Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Ensaio para uma Sócio-história do Português Brasileiro**. São Paulo. Parábola, 2004.

SOUZA, Dalva Soares Gomes. **A Influência da Internet no Domínio da Escrita: Análises e Interferências**. 2001. 133 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SOUZA, S. A. F. **Projeto Político-Pedagógico**: historicizando conceitos para deslocar práticas. Disponível on-line em <<http://www.elton.com.br/ppp.htm>>. Acessado em 26/02/07.

VALENTE, André (org.) **Aulas de Português**: Perspectivas inovadoras. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

**ANEXO**

## **Anexo 1: Questionário Professores**

Com o advento das tecnologias, a comunicação ficou mais fácil e rápida, devido ao uso da Internet e telefonia móvel. Contudo, a mesma fez com que surgisse mais uma variedade lingüística, conhecida como “internetês”. Assim, acerca desse assunto, responda as questões abaixo:

1 - Você acha que o internetês exerce influência quanto à linguagem utilizada pelo acadêmico do curso de Letras? Quais? Por quê?

2 - Você aborda esse tema com os acadêmicos?

(     ) sim           (     ) não

3 - Se sim, qual a metodologia usada, ou seja, de que maneira você trabalha?

4 - Qual a sua visão quanto à linguagem usada nos meios eletrônicos (internetês)?

5 - O PPP do curso, em algum momento, faz considerações acerca desse fenômeno?

(     ) sim           (     ) não           (     ) desconheço o PPP

6 - Se o faz, como se dá? Se não o faz, deveria fazer? Por quê?

7 – O uso do internetês é estigmatizado em nossa sociedade? Se sim, diga de que maneira.

## **Anexo 2: Questionário Acadêmicos**

Com o advento das tecnologias, a comunicação ficou mais fácil e rápida, devido ao uso da Internet e telefonia móvel. Contudo, a mesma fez com que surgisse mais uma variedade lingüística, conhecida como “internetês”. Assim, acerca desse assunto, responda as questões abaixo:

1 - Você acha que o “internetês” exerce influência na sua linguagem (oral ou escrita) enquanto estudante de Letras? Quais? Por quê?

2 - A influência, se existe, é maléfica ou benéfica? Por quê?

3 - Qual o posicionamento de seus professores a esse respeito?

4 – Sendo usuário das atuais tecnologias, no papel de professor, como você reagiria (reage) quanto as manifestações em internetês com os seus alunos? Por quê?

5 – O uso do internetês é estigmatizado em nossa sociedade? Se sim, diga de que maneira.

6 – Se você faz uso do internetês, neste espaço, registre os exemplos mais usuais.

7 – Se você faz uso do internetês, em que espaço o faz:

( ) e-mail:

( ) bate-papo

( ) sites de relacionamento

( ) outros: \_\_\_\_\_